



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Herança fascista: o integralismo no tempo presente

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Chauvinismo e extrema direita: Crítica aos herdeiros do sigma*. São Paulo: Editora da UNESP Digital, 2015.

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3.33360>

Pedro Carvalho Oliveira

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá peddrovsky@gmail.com

Resenha recebida em 29/08/2016. Aprovado em 08/12/2016

Nas duas últimas décadas, o Brasil testemunhou o surgimento de forças políticas que, diante do domínio hegemônico neoliberal e dos esforços para a institucionalização de uma democracia sob a égide dessa corrente ideológica, ganharam espaço no cenário eleitoral por proporem agendas conservadoras e imbuídas de chauvinismo. A articulação de organizações políticas como o Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), além do Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB) e de tentativas de rearticulação de movimentos integralistas, nos mostra as etapas da radicalização de discursos que acabaram flertando com práticas e comportamentos fascistas ou dialogando abertamente com eles. Sugerem alternativas autoritárias mesmo após a derrocada do regime ditatorial militar.

Entre essas organizações políticas se destaca a presença de um forte nacionalismo envolvido por um chauvinismo que, de um lado, critica o imperialismo de forças europeias e estadunidenses e, de outro, beira um extremo próximo ao neofascismo, quando este não é declarado. O livro “Chauvinismo e extrema-direita: Crítica aos herdeiros do sigma”, de

Jefferson Rodrigues Barbosa, é uma importante contribuição que nos faz olhar para o passado em busca de respostas para o presente. Se pensarmos no contexto de crise política que o Brasil vive desde meados de 2013, o livro de Barbosa nos oferece significativas explicações sobre a militância extremada que parte da população vem adotando diante do desenrolar das disputas políticas nas ruas.

Atualmente, em meio à crise política brasileira que não se abranda, inflamados discursos chauvinistas e conservadores ganham terreno em meio a debates que criticam o Partido dos Trabalhadores (PT) e sua representante no poder, a presidenta Dilma Rousseff. Há também em meio a isso aqueles que rechaçam a estrutura política nacional como um todo, não defendendo partidos opositores existentes. Se pensarmos que é em meio a crises desse tipo que ideias extremistas se fortalecem, é preocupante presenciarmos as manifestações de ódio contra os defensores do PT ou de agendas mais à esquerda em meio a gritos de “sem partido”. Por mostrarem-se como suposta solução à política em descrédito, propostas radicais podem ganhar simpatia numa crise na qual os dois lados

aparecem vistos pelo eleitorado como sendo um só, ou “farinha do mesmo saco”.

Para compreendermos com maior clareza o perigo que representam práticas chauvinistas que hoje clamam pela “salvação nacional” a qualquer custo, usando-se de comportamentos fascistas seja de forma esclarecida, seja de modo ignorante, é necessário nos voltarmos à política cultural que permeia a sociedade brasileira contemporânea. O livro em questão nos serve, dentre outras coisas, como ferramenta para pensarmos a origem de fortes discursos chauvinistas e antiesquerda na história política brasileira. A intenção de Barbosa com sua obra não se restringe a tal função, dada a ampla análise de seu objeto. Lançada em 2015 pela Unesp Digital, nos é pertinente para compreendermos não só o passado, mas também o presente.

Em suas 385 páginas, o referido livro nos leva a um profundo exame do chauvinismo como base política e ideológica da Ação Integralista Brasileira (AIB) e de seus líderes. O autor nos mostra como e por que o Brasil foi o terreno onde marchou o maior movimento fascista fora da Europa. Ele nos apresenta um quadro de cultura política autoritário e fortemente guiado por restrições à democracia, fornecendo um comportamento repetitivo das nossas instituições e da postura passiva ou conivente de nossa sociedade diante delas. Essa teria sido a razão pela qual a AIB cresceu e se fortaleceu tanto no país durante os anos 1930.

No entanto, devemos ter em mente que o Brasil de hoje possui diferenças expressivas em relação ao contexto no qual a AIB conquistou tantos adeptos. Apesar dessas diferenças, o chauvinismo, sobretudo o que tange o entusiasmo intransigente de parte da população em relação aos grupos de manifestantes que supostamente querem “salvar o Brasil” da corrupção, é uma permanência. Isso nos é contado por Barbosa entre averiguações e relatos que nos trazem um histórico da AIB e de suas nuances, principalmente as particularidades

do movimento. Dessa forma, o autor nos põe a par das transformações que possibilitaram a existência do integralismo no Brasil, seu posterior esforço para se adequar ao sistema democrático sob o véu de um partido político comum, bem como o empenho de militantes em trazê-lo ao presente.

Embora seu livro nos forneça uma extensa reflexão a respeito desses processos históricos, ainda que sua análise não se valha exclusivamente dessa perspectiva, é sobre seu potencial de explorar a dinâmica cultural política brasileira que nos deteremos. O segundo capítulo dessa obra elucida com bastante clareza a presença de postulados conservadores e autocráticos em nossa sociedade, antes mesmo da fundação da AIB. Nesse sentido, a importância dos intelectuais nacionalistas foi fundamental para forjar esse espírito. Assim sendo, formava-se muito antes de sua criação os lastros que permitiriam o integralismo se tornar tão amplo e aceito, embora não da forma que desejava.

Sobre essa análise, é importante atentarmos para os meios utilizados por Barbosa para desenvolvê-la. É partindo de uma perspectiva gramsciniana, principalmente, que o cientista social conduz debates em torno da ideologia integralista e sua relação próxima com o fascismo italiano, circunscrevendo a ação política da AIB nas estratégias ocidentais de guerra de posições. Assim sendo, o texto nos conduz a um olhar sobre o comportamento político dos integralistas em um contexto no qual a difusão e a transformação cultural ganham importância nas disputas pelo poder.

Os esforços dos militantes, portanto, se dirigiam à busca de espaços nos quais pudessem penetrar, a fim de contestar uma cultura hegemônica e propor outra. Ao mesmo tempo em que esbarravam nas forças institucionais, que difundiam uma cultura política própria, procuravam na mesma cultura política na qual essas lideranças governamentais se ergueram os recursos para conquistar respaldo. Essa

conquista necessitava modificações profundas que os integralistas acabaram por não promover, sendo, inclusive, marginalizados e combatidos pelo poder formal liderado por Getúlio Vargas que, em 1938, declarou a AIB ilegal.

Após o fim do governo Vargas em 1945, nos conta Barbosa, a AIB se converteu no Partido de Representação Popular (PRP) buscando participação na arena política formal e democrática, ocultando suas feições explicitamente fascistas e moderando seu discurso. Isso porque os regimes que se ancoravam nas ideologias fascistas haviam sido derrotados durante a II Guerra Mundial e as denúncias das atrocidades cometidas, principalmente pela Alemanha, produziram imagens negativas da ideologia fascista, de modo que sua desgastada imagem não atraia o eleitorado. Apesar disso, Barbosa, em consonância com outros autores, comenta a permanência de discursos fascistas, em essencial o chauvinismo, na agenda política do PRP. Essa postura foi adotada também pelo Movimento Social Italiano (MSI), fundado em 1946 por antigos representantes saudosistas do regime fascista. Da mesma forma que a AIB dispensou a simbologia do fascismo clássico, o MSI mantinha sua postura sob máscaras moderadoras.

De forma similar, os “herdeiros do sigma”, como o próprio Barbosa nomeia os militantes integralistas de hoje, vem buscando meios, ainda que distintos do passado, para restaurar pressupostos da AIB. A referência direta a um movimento explicitamente fascista do passado, no entanto, dificulta tal processo. Não nos referimos aos anos que imediatamente sucederam 1945. O livro nos mostra que ainda anos 1980 os antigos integralistas buscaram a rearticulação de suas ideias. Trata-se de um momento em que a direita conservadora ganha impulso globalmente, representada nos EUA por Ronald Reagan e na Inglaterra por Margareth Thatcher, em meio à luta contra o comunismo remanescente da Guerra Fria. É

nesse contexto que é fundada no Brasil a casa Plínio Salgado, importante órgão privado de difusão ideológica e, segundo o autor, um impulsionador para os integralistas contemporâneos.

A década seguinte teria dado impulso aos movimentos políticos que buscavam a reestruturação do integralismo, segundo Barbosa. Isso teria se intensificado pela prática do neoliberalismo estatal e seu afastamento das questões sociais. Nessa dinâmica, as parcelas politicamente menos favorecidas da sociedade se viam obrigadas a emergir, assim como organizações políticas radicais que reivindicavam possuir as soluções para uma “crise do sistema político”. Isso resultaria na fundação de movimentos como a Frente Integralista Brasileira (FIB), criada em 2004, a mais efetiva organização de “herdeiros do Sigma” na tentativa de aglutinar militantes espalhados pelo país. A principal diferença entre a FIB e outras organizações integralistas, nos diz o autor, estaria no fato de que aquela busca a retomada dos discursos clássicos, enquanto essas procuram uma reformulação frente a novos cenários. A maioria dessas organizações se concentra no Sul e Sudeste brasileiro.

Possuindo permanências e rupturas com o passado, podemos concluir que ideias fascistas atuam em nosso presente e se beneficiam de uma cultura política autoritária que influencia frequentemente a população brasileira em sua relação com o Estado. Essa é uma das muitas lições que “Chauvinismo e extrema-direita: Crítica aos herdeiros do sigma” pode nos dar. Esse comportamento político fascista pode, mesmo que minimamente, mas não de forma menos perigosa, penetrar com mais vigor em nossa sociedade ao passo em que os discursos chauvinistas se assemelham aos gritos descontentes com a política atual. Ao colocarem-se como soluções para “salvar a nação”, integralistas não estão muito distantes dos que buscam o mesmo agredindo verbal e fisicamente seus adversários políticos

energizados pelo ódio.

“Chauvinismo e extrema-direita: Crítica aos herdeiros do sigma” é uma importante contribuição para a compreensão dos neofascismos, embora Barbosa se recuse a usar esse termo. Em desacordo com muitas outras importantes contribuições bibliográficas, o autor recusa-se a tratar desses movimentos ou organizações políticas como neofascistas, ponto do qual discordamos. Para Barbosa, o prefixo “neo” supõe uma novidade quando em realidade tratar-se-ia de uma mera renovação das ideologias fascistas. Ao mesmo tempo, chamar esses políticos de neofascistas causaria generalizações perigosas oriundas da excessiva exploração dos meios jornalísticos sobre o tema, cuja profundidade analítica é baixa.

Segundo a obra, os militantes fascistas nunca deixaram de agir e, por essa razão, seus pressupostos ideológicos não seriam uma novidade, mas uma continuidade. Nesse sentido, o uso do termo integralismo contemporâneo, por exemplo, seria mais adequado do que “neointegralismo”, sendo o mesmo aplicável aos fascismos. Embora concordemos em certa medida, compreendemos que o prefixo “neo”, vindo do grego e que significa “atualizado”, não trata esses fenômenos como novidades, mas pressupõe que passaram por transformações tendo em vista a sua adequação a novos tempos.

No caso de partidos políticos como o PRP, segundo essa perspectiva foram atualizados por esforços humanos para produzirem discursos que escondiam suas feições mais radicais enquanto flertavam com a democracia. De forma alguma defendemos que o termo “fascismos contemporâneos”, usado pelo autor, é incorreto ou equivocado. Ainda assim, defendemos que “neofascismos” seja uma classificação pertinente no que diz respeito à evidenciação das transformações sofridas por um comportamento político forjado no passado. A respeito dessas transformações, o livro é uma contribuição bastante detalhada e completa, chegando a debater o presente como poucas

obras.

Mais importante do que tal discordância é assentirmos quanto ao fato de que os “herdeiros do sigma”, como o próprio Barbosa nomeia os militantes integralistas de hoje, vem buscando meios, ainda que distintos do passado, para restaurarem pressupostos da AIB. Não nos referimos aos anos que imediatamente sucederam 1945. Nos referimos a um passado próximo, bem como a um presente no qual o chauvinismo aparece em meio ao ódio desenfreado de militantes contrários ao governo, direcionado a uma série de inimigos estabelecidos que podem se assemelhar aos dos integralistas. Esse fato do presente explica a existência da AIB no passado e é isso que o livro nos convida a fazer.